



Dia Internacional de Luta da Mulher



Editorial

Para celebrar o Dia Internacional das Mulheres, a APEOESP lança mais uma edição do seu Boletim especial, com a intenção de convidar educadores e educadoras à reflexão sobre as questões de gênero e comportamento.

O Brasil está tomado por um intenso debate sobre estes temas. Basta dizer que a redação do Exame Nacional do Ensino Médio 2015 foi sobre “a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”.

Segundo o Mapa da Violência 2015, o Brasil ocupa a 5ª posição mundial no ranking do assassinato de mulheres. As mulheres brasileiras ainda convivem com agressões

verbais e preconceitos, que abalam sua autoestima e dificultam os seus progressos.

Inúmeras iniciativas, como a própria temática proposta pelo MEC no Enem, estão em pauta para modificar tais atitudes. Este Boletim destaca estas e outras ações que enfatizam o empoderamento feminino.

Quase um século depois que a filósofa Simone de Beauvoir popularizou a bandeira do feminismo, a igualdade entre homens e mulheres ainda não foi totalmente assimilada em nossa sociedade, a ponto de uma questão sobre a mais célebre frase da ativista francesa, também tema no Enem 2015, despertar polêmica nas redes sociais.

Este episódio revela a importância de levar aos estudantes lições sobre igualdade e representações de gênero para que eles possam refletir sobre a visibilidade feminina nas mais diversas áreas.

A APEOESP é reconhecida pela sua atuação na defesa dos direitos humanos, com publicações dedicadas também à luta dos negros e homossexuais. Este Boletim Especial do Dia Internacional da Mulher aborda o feminismo no século XXI, traz sugestões de aulas e dicas que podem ser adotadas em projetos interdisciplinares. Boa leitura!

Profª Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Alerta: Brasil é o 5º em feminicídios

Baseado em dados do Ministério da Saúde, o Mapa da Violência 2015 revela que o Brasil ocupa hoje a 5ª posição no ranking de feminicídio, em um grupo de 83 países. São 4,8 assassinatos para cada grupo de 100 mil mulheres. O número de estupros passa de 500 mil por ano, em todo o País.

No caso dos assassinatos, 55,3% foram cometidos no ambiente doméstico e 33,2% dos assassinos eram parceiros ou ex-parceiros das vítimas.

Para enfrentar a violência, o País ganhou a Lei do Feminicídio. Assinada no dia 09 de março de 2015 pela presidenta

Dilma Rousseff, a lei de número 13.104 altera o Código Penal e estabelece que o assassinato de mulheres pode ser considerado homicídio qualificado e tratado como crime hediondo, o que dobra a pena.

Racismo

O homicídio de mulheres por questões de gênero no País, entre 1980 e 2013, fez 106.093 vítimas; 4.762 só em 2013. O Mapa da Violência revela também que o assassinato de negras aumentou 54% em 10 anos, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013, último ano apurado pelo levantamento. O Mapa é elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, com o apoio da ONU Mulheres e da Organização Pan-Americana de Saúde.

Na divulgação da pesquisa, em novembro de 2015, a representante da ONU Mulheres Brasil, Nadine Gasman, enfatizou o fato de que o Mapa da Violência confirma a combinação trágica entre racismo e sexismo no Brasil.

A pesquisa contribui para aumentar a conscientização sobre a violência de gênero, que é considerada um problema de saúde pública por afetar mulheres em diversos países. Já com a Lei do Feminicídio,

o Brasil também evidencia a urgência de medidas rigorosas contra os crimes motivados pelo fato de a vítima ser mulher.

Estupros

Há ainda um outra grave violência contra as mulheres a ser enfrentada. Cerca de 527 mil mulheres são estupradas por ano em todo o País, de acordo com o estudo “Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde”,

O estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o IPEA, registra que apenas 10% dos casos de estupro chegam à polícia.

Quilombola da zona rural do Maranhão, Francisca Chagas Silva foi assassinada no dia 1º de fevereiro, com requintes de crueldade e sinais de violência sexual. O caso representa as estatísticas: Francisca era negra e ativista dos movimentos sociais.

Na última década, a Central de Atendimento à Mulher realizou cerca de 4,7 milhões de atendimentos pelo telefone 180; só em 2015, foram 634.862 atendimentos no Serviço, criado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres. Porém, as ocorrências criminais, como estupros e assassinatos, devem ser notificadas à polícia.

Informe-se:

Além do Disque 180 (Central de Atendimento à Mulher), a Secretaria de Políticas para as Mulheres detalha através do seu site os serviços especializados de atendimento à mulher por Estado, com os respectivos telefones e endereços: Acesse www.spm.gov.br/

Secretaria para Assuntos da Mulher da APEOESP: (11) 3350 6117 e e-mail mulher@apeoesp.org.br

O Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil está disponível no site www.mapadaviolencia.org.br

Veja ainda nesta edição:

	Enem combate o machismo	pg. 2
	Mulheres contra Cunha	pg. 2
	O Feminismo na Internet	pg. 3
	A diferença entre assédio e paquera	pg. 4
	Contra a violência, dossiê e reparações	pg. 4



APEOESP está em todas as Marchas em Defesa das Mulheres

Participe: Marcha do Dia Internacional das Mulheres 08 de março de 2016, saída às 18h00, do vão livre do Masp.

Machistas não passarão

QUESTÃO 01

Ninguém nasce mulher; torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.

BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Na década de 1960, a proposição de Simone de Beauvoir contribuiu para estruturar um movimento social que teve como marca o(a)



Meninas estudam para o Enem; no destaque, questão sobre o movimento feminista

Os professores que trabalharam na correção das redações do Enem 2015 foram surpreendidos com um fato inédito. Pelo menos 55 candidatas aproveitaram o tema sobre “a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” para denunciar atos de violência que sofreram ou presenciaram.

“São redações contundentes, muito fortes, com depoimentos que sensibilizaram os corretores”, afirmou o ministro da Educação, Aloizio Mercadante. Além

de disponibilizar no seu Portal informações sobre os serviços de defesa da mulher, o MEC acionou a Advocacia Geral da União para o atendimento destas denúncias de estupro e violência.

Para o ministro, o tema do Enem foi importante não só por levar mais de 5,8 milhões de estudantes à reflexão sobre a violência contra a mulher, mas para reforçar o combate a essa prática que, só no ano passado, resultou em 634.862 denúncias ao Ligue 180.

Mulheres contra Cunha

A pesar do destaque obtido em diversas áreas, como na Cultura, Ciências e Esportes, as mulheres ainda são minimamente representadas na Política e o resultado é uma onda conservadora, que culminou em projetos de lei extremamente perversos, como o PL 5.069/2013, de autoria de Eduardo Cunha (PMDB/RJ), que limita o atendimento pelo Sistema Único de Saúde de mulheres vítimas de violência sexual.

Em trâmite na Câmara dos Deputados, o projeto tem sido denunciado pelo Grupo “Mulheres Contra Cunha”. Entre outros questões, o texto aprovado estabelece que vítimas de estupro só poderão receber atendimento depois de registrar queixa na polícia e realizar exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal. O acesso à pílula do dia seguinte,

considerada um método contraceptivo de emergência, também seria restrito.

Na prática, o projeto cria obstáculos para a realização do aborto legal, como previsto na Lei 12.845, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff em 2013.

“A sub-representação feminina na Câmara coloca em risco direitos adquiridos

O Segundo Sexo

Comemorado pelas mulheres, o Enem 2015 entrou para a História também por uma questão de Ciências Humanas. Em uma pergunta sobre as lutas feministas do século XX, a prova trouxe a mais famosa frase da filósofa francesa Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

A reação foi imediata e dividiu as redes sociais, expondo a carência de debates sobre as questões de gênero. “Os machistas da minha sala bombaram no Enem”, comemoraram as meninas no Facebook e

no Twitter, duas das redes sociais utilizadas com mais frequência pelos estudantes.

Em meio a comemorações e ataques dos mais conservadores, que acusaram o Enem de propagar ideologias, a questão com a frase que abre o livro “Segundo Sexo”, publicado pela primeira vez em 1949, revelou-se extremamente atual ao levar milhares de estudantes à reflexão sobre a imposição de papéis e julgamentos às mulheres que, ainda são tratadas como um ser intermediário, secundário, incompleto.

Beauvoir foi a única mulher entre os intelectuais citados na prova, que teve 90 questões; entre elas perguntas sobre as obras do educador Paulo Freire e do sociólogo Sérgio Buarque de Holanda.

Sugestão de aula:

Simone de Beauvoir - Um ícone

“Ninguém nasce mulher; torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.” BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Questão 42 do Enem 2015, a célebre frase sobre a ‘construção do feminino’ e a brilhante obra contribuíram para transformar a parisiense Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir em um ícone do feminismo, no final da II Guerra.

Nascida em 1908, Simone começou a carreira como professora. Logo após o término da Faculdade de Filosofia, conheceu Jean-Paul Sartre, com quem manteve um relacionamento afetivo e intelectual por toda a vida. Os dois tornaram-se símbolos do Existencialismo, movimento filosófico-literário que refletiu as angústias do Pós-Guerra.

Além do “Segundo Sexo”, destacam-se sua vasta obra, “A Convidada”, “Os Mandarins” e “A Cerimônia do Adeus”. Simone de Beauvoir faleceu no dia 14 de abril de 1986, aos 78 anos de idade.



Sugestão de aula:

As Sufragistas



Em 2016, o Brasil ainda é quase majoritariamente comandado por homens: dos 26 Estados brasileiros, 25 são governados por homens. Entre os 513 deputados federais, apenas 51 são mulheres. No Senado, entre 81 senadores, há somente 12 mulheres.

O voto feminino foi conquistado há 70 anos no Brasil. Antes de 1946, somente as poucas mulheres que exerciam funções públicas tinham direito ao voto.

Historicamente, a igualdade de gênero é uma conquista recente, obtida às custas de muitas lutas e lágrimas, como mostra o filme “As Sufragistas”, que retrata a trajetória de

mulheres militantes feministas na Inglaterra, no início do século XX pelo direito ao voto.

Baseado em acontecimentos reais, o filme é protagonizado, escrito, dirigido e produzido por mulheres e é um das poucas produções cinematográficas sobre a ascensão histórica do feminismo.

Com atrizes famosas internacionalmente no elenco, como Carey Mulligan e Meryl Streep, “As Sufragistas” é uma lição de História sobre um dos mais relevantes movimentos socioculturais do século XX. Afinal, foi o feminismo que tornou incontestável o direito das mulheres ao voto, ao exercício de cargos públicos e à plena cidadania.

Feminismo conquistou a Internet

A Internet, as redes sociais e até meios de comunicação mais tradicionais tornaram-se importantes aliados de um movimento de reação contra o machismo e o conservadorismo, que ganhou visibilidade no Brasil no último ano. São iniciativas criativas e corajosas

que estão popularizando o feminismo do século XXI em hashtags. “#Não tira o batom vermelho”, “não poetize o machismo”, “machistas não passarão” são algumas das expressões que ganharam força, comprovando o poder e a velocidade das redes sociais.

Algumas das mais importantes ativistas do feminismo do País assinaram um manifesto publicado na edição de dezembro da Revista Elle, que criou um site para que suas leitoras produzam uma foto com uma das cinco frases que marcaram os protestos em defesa dos direitos das mulheres em 2015: “Vestida

ou pelada, quero ser respeitada”, “Meu corpo, minhas regras”, “Meu decote não dá direitos”, “Minha roupa não é um convite” e “Mexeu com uma, mexeu com todas”.

Serviço:

- Produza uma foto-protesto no site <http://mexeucomumamexeucomtodas.com.br>
- A ONU Mulheres criou um mapa interativo, onde é possível saber quais são as prioridades para as mulheres em cada País. Na mesma página, o internauta pode assinar o Compromisso #HeForShe. Participe: www.heforshe.org

#AgoraÉQueSãoElas
Um espaço para mulheres em movimento

Iniciativa de grande repercussão, o movimento “Agora é que são elas” propôs a ocupação de colunas assinadas por homens em jornais, revistas e sites por mulheres. O movimento deu origem a um blog do mesmo nome, hospedado no site do Jornal Folha de São Paulo. “Agora é que são elas” aborda política, cotidiano e cultura narrados do ponto de vista feminino. “A intenção era que vozes femininas fossem ouvidas. Que a narrativa sobre os desafios do presente, as lutas do passado e as incertezas do futuro fosse das mulheres. Queríamos a resistência e a insurgência na primeira página”, explicam as idealizadoras do movimento no primeiro texto veiculado no blog no dia 27 de janeiro. Já a Campanha Meu Primeiro Assédio surgiu a partir de um episódio de assédios virtuais contra uma menina de apenas 12 anos de idade que participava do Programa Masterchef Júnior, transmitido pela TV Bandeirantes. Centenas de mulheres, algumas famosas e influentes, tornaram públicas histórias de assédio sexual sofridas na infância e adolescência, utilizando a hashtag #meuprimeiroassédio.

#Não tira o batom vermelho

A jornalista Julia Tolezano tornou-se sucesso no YouTube ao postar um vídeo sobre relacionamentos abusivos. No seu canal, Jout Jout Prazer, o vídeo “Não tira o batom vermelho” viralizou-se e deu origem a uma campanha, na qual internautas admitem viver uma relação destrutiva. Em apenas oito minutos, o vídeo apresenta comportamentos que indicam que a mulher está em um relacionamento abusivo. “Alguém já balançou o guardanapo na sua cara falando para você tirar o batom vermelho, porque você está com cara de p**?”, indaga Jout Jout no vídeo, que foi ao ar pela primeira vez em fevereiro de 2015. Inspirada pela iniciativa, a cantora Clarice Falcão lançou o vídeo “Survivors”, no qual mulheres passam batom vermelho do jeito que querem e contam como sobreviveram a relacionamentos abusivos. No último ano, #nãotiraobatomvermelho popularizou-se no Facebook, Twitter e Instagram de milhares de mulheres.

#Meu Amigo Secreto

Criada por um grupo de amigas afetadas pelos comentários machistas de amigos, o movimento online #meuamigosecreto ganhou milhares de adesões em poucas horas. No Twitter e em outras redes sociais, as mulheres passaram a expor atitudes e comentários aparentemente inofensivos, mas repletos de preconceitos velados, que enfrentavam no trabalho, em casa e entre amigos próximos. “#Meuamigosecreto diz que trai porque a carne é fraca, coisa de homem. Mas não aceita ser traído em hipótese alguma” e “#meuamigosecreto taxa mulher de doida e manda fazer terapia quando ela acorda se sentindo um pouco pra baixo” são alguns dos relatos da hashtag que se popularizou no final de 2015. Depoimentos, fotografias ou breves desabaços no Facebook estão se estabelecendo como as novas formas de narrativas não apenas do movimento feminista, mas de mulheres que não tinham voz e agora estão do outro lado da tela, falando para o mundo.

Pelo mundo

Em um esforço global para envolver homens e meninos em debates e ações relacionadas à desigualdade e discriminações sofridas pelas mulheres, a ONU Mulheres lançou um movimento de solidariedade pela igualdade de gêneros e empoderamento feminino.

Desde o seu lançamento, em 2014, ‘HeForShe’ (ElesPorElas) teve o maior número de adesões nos Estados Unidos. No Brasil, quarto País em número de apoiadores, os internautas mencionam principalmente a luta contra a violência de gênero e em defesa da igualdade salarial. O jornalista Marcelo Tas e o ator Rodrigo Hilbert estão entre os signatários do Movimento “Eles por Elas”.

Irã

Destaque ainda para uma série de fotografias da jornalista e ativista iraniana Masih Alinejad, que faz um alerta às restrições à liberdade das mulheres no mundo, especialmente nos países muçulmanos.

Alinejad criou um perfil no Instagram, no qual compartilha fotos de iranianas sem seus véus, obrigatórios para as muçulmanas. A iniciativa contra a opressão religiosa tem conquistado mulheres em todo o Planeta.

A página de uma ex-apresentadora da TV iraniana no Facebook também alcançou repercussão internacional. A jornalista Sheena Shirani pediu demissão da Press TV, canal estatal iraniano, após ser assediada sexualmente repetidas vezes por seu chefe. Depois de sair do País, Shirani postou um áudio em sua página e também em sites de notícia com a denúncia. O chefe da jornalista, Hamid Reza Emadi, foi afastado



de suas funções para investigação, caso raro no Irã, onde as mulheres costumam ser acusadas de ‘comportamento inadequado’ quando são assediadas.

Arábia Saudita

Último País a garantir às mulheres o direito ao voto, a Arábia Saudita abriu suas eleições a candidatas e eleitoras. Cerca de 20 mulheres foram eleitas para cargos públicos em todo o País. O número representa apenas 0,6% do total de 2.106 cargos escolhidos por votação popular, mas incentivou a participação das mulheres nos conselhos municipais e outras instâncias políticas do País ultraconservador, onde as mulheres ainda são proibidas de dirigir um veículo.

“Temos que mudar o pensamento sobre as mulheres. A globalização e as redes sociais significam que todo o mundo está interligado. As mudanças estão acontecendo”, comemorou a ativista Nassima al-Sada, em entrevista ao jornal britânico The Guardian.

Assédio ou paquera?

Mulheres blogueiras denunciam o assédio sexual em lugares públicos



Blog Think Olga

A diferença entre buscar uma aproximação com alguém que atraiu sua atenção e investir e lançar comentários indesejados à pessoa é um dos temas da cartilha “Vamos falar sobre assédio sexual”, editada pelo Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher da Defensoria Pública.

Diferente da paquera, que desperta simpatia e acontece com o consentimento de ambas as partes, o assédio intimida e provoca angústia. Segundo a publicação, são abordagens grosseiras, ofensas e propostas inadequadas que constroem, humilham e amedrontam.

A Campanha Chega de Fiu Fiu realizou

uma pesquisa que aponta que 48% dos assédios no Brasil são verbais e 68% dos episódios de assédio acontecem durante o dia. Criada pela jornalista Juliana Faria, idealizadora do Projeto Feminista Olga, a Campanha descobriu na pesquisa com 7.700 mulheres que 81% delas já deixaram de realizar tarefas e atividades cotidianas, como sair a pé, por medo

de assédio nas ruas. O site da campanha permite mapear os lugares mais perigosos para as mulheres no Brasil.

Sua roupa não justifica!

Uma das situações mais frequentes utilizadas para justificar o assédio é desmascarada pela Defensoria. “É errado achar que uma peça de roupa seja um sinal verde para

Até no Metrô

O número de casos de abuso sexual no metrô de São Paulo cresceu 28%, entre 2014 e 2015. Levantamento

Paulo Pinto/Fotos Públicas



inédito da Agência de Jornalismo de Dados Públicos “Fiquem Sabendo” revela que a Delegacia de Polícia do Metropolitano registrou 96 ocorrências em 2014 e 123, em 2015. A Delegacia é responsável pelo registro e investigação dos crimes ocorridos no sistema de transporte sobre trilhos em São Paulo.

O Metrô iniciou uma campanha de conscientização sobre o assédio às mulheres em 2014. A iniciativa seria

responsável pelo aumento do número de registros de ocorrência. Ainda assim, especialistas acreditam que haja uma subnotificação dos casos.

Dados policiais tabulados pela Agência Fiquem Sabendo indicam que o Metrô registrou 11 estupros, entre janeiro de 2011 e agosto de 2015. Mas, também neste caso, o número de registros pode ser inferior à realidade; já que nem sempre as vítimas procuram a polícia.

Violência é mapeada em Dossiê Digital

Agência Patrícia Galvão lançou um dossiê digital com pesquisas produzidas por Institutos, Universidades e ONGs sobre a igualdade de gênero e violência doméstica.

Fonte para professores, jornalistas e pesquisadores do tema, o Dossiê Violência contra as Mulheres agrega estatísticas como a realizada pela Fundação Perseu Abramo e Sesc, em 2010, “Mulheres brasileiras nos espaços público e privado”, ou o Dossiê Mulher 2015, do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro.

Especialistas colaboram com o trabalho em análises sobre a relação entre uma cultura social violenta e patriarcal e o cotidiano de agressões imposto às mulheres.

Todas as pesquisas confirmam a gravidade da situação: a violência contra a mulher aparece em diversos grupos e camadas e assume novas formas, caso do bullying virtual ou da divulgação de fotos íntimas pela Internet com o objetivo de chantagear e constranger as vítimas.

Mulheres de todas as idades, etnias,

classes sociais e escolaridades ainda são maltratadas, estupradas e humilhadas; no entanto, o levantamento revela que a situação é pior em determinados segmentos, como no caso das mulheres negras e moradoras de periferias.

O Dossiê divide as pesquisas em oito tópicos: cultura e raízes da violência contra as mulheres; violência doméstica e familiar; feminicídio; violência sexual; violência de gênero na Internet; violência contra mulheres lésbicas, bis e trans; violência e racismo; e direitos, responsabilidades e serviços para enfrentar a violência.

O tratamento que os meios de comunicação oferecem à violência contra

a mulher também é alvo do dossiê, que aponta que a mídia, muitas vezes, aborda as ocorrências com um discurso que culpabiliza a vítima, caso da cobertura do assassinato da modelo Elisa Samúdio, em junho de 2010, em uma trama envolvendo o ex-goleiro Bruno Fernandes.

Além de oferecer o recurso de gráficos, filtros e outras ferramentas, o Dossiê ainda traz sugestões de especialistas, com currículo, contato e área de estudo detalhada.

Segundo a Agência Patrícia Galvão, o Dossiê terá capítulos sobre outras dimensões da violência de gênero. Em 2016, devem ser lançados dois especiais: um sobre feminicídio e outro sobre violência sexual.



Sugestão de aula:

- ♦ Patrícia Galvão, que dá nome à Agência responsável pelo dossiê, foi uma jornalista, escritora, ativista política e cultural. Mais conhecida como Pagu, ela nasceu em 1910, quando as mulheres ainda não tinham direito ao voto; mesmo assim, atuou até sua morte, em 1962, para que as mulheres tivessem papel ativo na esfera pública.
- ♦ O Dossiê Violência contra as Mulheres está disponível no site www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/

qualquer tipo de violência sexual, inclusive a verbal. Todos têm o direito de sair de casa da maneira como preferirem, no horário que desejarem e para onde quiserem, sem temer qualquer tipo de abordagem grosseira”, explica a publicação.

O assédio sexual pode ser considerado crime, se ficar comprovado que houve constrangimento e ameaça à vítima, importunação ofensiva ao pudor, ato obsceno ou estupro.

O folder “Vamos falar sobre assédio sexual” está disponível para download no site da Defensoria Pública, que tem uma biblioteca com outras cartilhas informativas sobre Direitos Humanos. Acesse www.defensoria.sp.gov.br.

Serviços:

- Assédios no Metrô de São Paulo, envie um SMS para (11) 9 7333 2252. Na CPTM, envie SMS para (11) 9 7150 4949
- No site da Campanha Chega de Fiu Fiu é possível denunciar assédio e também consultar os lugares mais perigosos para as mulheres brasileiras. Acesse <http://chega-defiufiu.com.br>
- Defensoria Pública - Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher: (11) 3101 0155 e e-mail: nucleo.mulher@defensoria.sp.gov.br

8 de março Dia Internacional de Luta da Mulher

Dirigentes responsáveis:

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Fábio Santos de Moraes

Vice-presidente

Roberto Guido

Secretário de Comunicações

Silvio de Souza

Secretário de Comunicações Adjunto

Suely Fátima de Oliveira

Secretária para Assuntos da Mulher

Eliana Nunes dos Santos

Secretária para Assuntos da Mulher Adjunta

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha

Fábio Santos de Moraes

Roberto Guido

Silvio de Souza

Leandro Alves Oliveira

Fábio Santos Silva

Rita de Cássia Cardoso

Ezio Expedito Ferreira Lima

Luiz Gonzaga José

Maria Sufaneide Rodrigues

Francisco de Assis Ferreira

Zenaide Honório

Texto e edição:

Ana Maria Lopes - MTb 23.362

Colaboração:

Ian Castilho (Pauta e Redação)

Produção:

Secretaria de Comunicações da APEOESP

Tiragem: 15 mil exemplares